

A TRANSFERÊNCIA PROFESSOR-ALUNO: DA AUTORIDADE À ALTERIDADE.

Izabele ZASSO¹

Eliane Aparecida Favarim GRADISKI²

Gabriela Vitória DINALO³

izabele@gmail.com

RESUMO

O presente artigo propõe uma pesquisa bibliográfica, com viés psicanalítico, sobre a transferência no ambiente educacional. Levando em conta que educar está entre as três tarefas impossíveis, o artigo trata da escolha da psicanálise enquanto teoria norteadora, e o que disso, possivelmente, diz sobre a relação professor-aluno. Os livros, artigos e dissertações consultados foram escolhidos em língua portuguesa, sem considerar os anos das publicações. A busca por artigos e periódicos, ocorreu na plataforma *online* de artigos acadêmicos *SciELO - Scientific Electronic Library Online*. Desta forma, pode-se entender a transferência como fator indispensável para o ensino, de forma que todas as relações são frutos dela; além do mais, a didática se faz pela capacidade de fazer laços e construir afetos a partir de conteúdos inconscientes, tanto do professor quanto do aluno.

PALAVRAS-CHAVE: Transferência, Psicanálise, Educação, Desejo, Saber.

1. INTRODUÇÃO

A transferência é uma expressão utilizada em vários contextos, neste artigo apresenta a relação entre professor-aluno, que é uma relação de transferência, de afeto entre as partes envolvidas. Com este afeto que o aluno sente, é possível se perceber e se valorizar, e com este afeto transferido, pode ser um fator coadjuvante no processo de aprendizagem.

Quando um professor reconhece este processo de transferência, pode compreender seu aluno na sua subjetividade e singularidade, e direcioná-lo como suporte ao seu favor. Ao delimitar o tema deste trabalho, foi ponderado conceituar que a transferência constitui um dos quatro conceitos

¹ Psicóloga graduada pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões e Mestre em Direitos Humanos pela Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. E-mail: izabele@gmail.br

² Administradora, graduada pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná e Mestre em Desenvolvimento Regional pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Graduanda do 10º período de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz – Cascavel, PR. E-mail: elianegradiski@yahoo.com.br

³ Graduanda do 10º período de Psicologia do Centro Universitário Assis Gurgacz – Cascavel, PR. E-mail: gabi_dinalo@hotmail.com

fundamentais da Psicanálise. A transferência pode garantir êxito no processo de aprendizagem, já que a partir dela é que o aluno e professor mantêm uma relação de afeto e abertura.

Este trabalho tem como tema a transferência na relação professor-aluno e o que norteia, é a questão de como a transferência é compreendida na relação professor-aluno, no meio educacional, sob a ótica psicanalítica? Para atender a esta questão, definiu-se como principal objetivo investigar como a transferência é compreendida nas relações professor-aluno, sob a ótica psicanalítica. E para cumprir com este objetivo, delimitou-se como objetivos específicos, explanar pela literatura psicanalítica sobre a formação da transferência; conceituar a transferência que se manifesta no decorrer do processo ensino- aprendizagem; e investigar as possíveis formas de transferências nas relações professor aluno, ressaltando como esta transferência é essencial nestas relações.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A transferência é uma expressão utilizada em diferentes áreas, não sendo uma palavra exclusiva da psicanálise. Reporta ao conceito de transporte, de deslocamento, de substituição de um lugar para outro. Sandor Ferenczi, observou tratar-se de um fenômeno psíquico atualizado em todas as relações humanas: médico e paciente, professor e aluno, mestre e discípulo, entre outros. Freud associou a resistência à transferência, depositando destaque no valor de seu emprego como acesso ao desejo inconsciente. A resistência à análise se cobre da forma de amor, o trabalho incide na finalidade de descobrir origens inconscientes da revelação que envolve a transferência (ROUDINESCO e PLON, 1998).

2.1 TRANSFERÊNCIA

O fenômeno da transferência acontece em todas as relações sociais, e permanece na implicação da categoria falante do ser humano. No texto “Dinâmica da Transferência” (1912/2010), Freud escreve que se deve ter claro, que pela atuação unida de sua disposição inata e de influências vivenciadas na infância, toda pessoa assimila uma maneira peculiar de reger sua vida amorosa. Isto procede em impressões que no decorrer da vida é frequentemente repetido, conforme as situações externas e a natureza dos objetos amorosos compreensíveis vão tolerando, e que não é

absolutamente constante perante as impressões recentes. A pessoa cuja necessidade de amor é insatisfeita pela realidade, se direcionará para novas pessoas com perspectivas libidinais, provavelmente as duas porções da libido tenham envolvimento neste propósito, tanto a capaz de consciência quanto a inconsciente.

Herrmann (2015) propõe uma associação de que cada pessoa compõe em si um desenho bem característico, próprio e particular. A forma de gostar de alguém, da afetividade, repete-se tanto nos grandes amores quanto nas pequenas amizades. Para tanto, isto acaba sendo repetido, também, por exemplo, de forma abstrata, no modo de odiar, brincar ou de comer.

Certamente a afirmação de Freud (1912/2016) foi bem afinada ao declarar sobre a articulação das predisposições inatas e das influências vividas na infância, que estas proporcionam características exclusivas às pessoas na maneira de conduzir a sua vida amorosa, pois deste momento se originam as exigências que o sujeito vai estabelecer para as metas desejadas, para atender as pulsões e para o amor.

Essas formas acabam resultando em vários clichês repetitivos que, ao longo da vida, são reeditados conforme as vivências externas vão sendo proporcionadas à pessoa (FREUD, 1912/2016). Por sua vez, Lacan (1964/2008), sustenta que a transferência se trata de um falso amor, ou uma “sombra de amor”, mas o fato é que não existe uma escolha sem crença, ou escolha sem transferência.

Freud (1913-1914/2012) fez sua primeira confissão ao afirmar que não sabia o que mais o havia absorvido e se tornado importante, se eram as ciências que eram expostas ou as personalidades dos professores e que os professores eram objetos de mérito consecutivo e paralelo, e o processo de aprendizagem passava pela pessoa do professor. Freud ainda afirma que os professores, nas escolas, tornam-se pais substitutos. Eles eram amados, por qualquer motivo, acendiam revoltas e forçavam a subordinação, sendo esta a razão para considerá-los maduros. Ocorre transferência de respeito e expectativas vinculadas ao pai onisciente da infância e, posteriormente, ocorre um tratamento como fora a forma de tratar os pais em casa.

Quanto às demonstrações afetivas, tão importantes nos relacionamentos com as pessoas e para o comportamento futuro do sujeito, Freud (1913-1914/2012), afirma que são constituídas já desde muito cedo. A criança, logo nos primeiros seis anos de vida, tem consolidados a natureza e o nuança sentimental de suas relações com outras pessoas do mesmo sexo ou oposto, posteriormente, pode fortalecer ou substituir, mas não banir. Assim todas as seleções de amores e amizades, acontecem a partir de traços mnemônicos que permanecem transmitidos pelos modelos primitivos.

No texto "Psicanálise" de Freud (1926/2014), se encontram elementos importantes sobre a transferência de Freud pelos seus professores. É possível crer que foi pelas influências dos seus mestres que Freud, alcançou o estabelecimento de todo o campo teórico da psicanálise, pois além das citações referidas, encontramos em Freud outras proeminências que observam a influência que ele teve de seus mestres, na relação educativa.

2.2 TRANSFERÊNCIA PROFESSOR-ALUNO

Conforme foi descrito anteriormente, a transferência, sendo um fenômeno psíquico inconsciente, ocorre em várias situações, não ficando restrita ao *setting* terapêutico. Assim, mostra-se na relação professor aluno, por exemplo, na qual há o encontro de duas pessoas, sendo que a figura de quem detém o conhecimento é fantasiada como aquela figura que sabe tudo ou do "suposto saber".

O professor, suprimindo figuras parentais, passa a representar ao aluno uma função, o lugar de idealização, de poder e saber. Há neste contexto, uma relação de afeto e de amor. O professor é o objeto de transferência, pois torna-se apoio dos investimentos do aluno. É conferido ao professor um poder peculiar de autoridade, que não é imposta ao aluno, mas que o próprio aluno concede ao professor. Trata-se de algo da estrutura do encontro das duas pessoas, não é consciente nem do querer do professor esta autoridade, mas é um desejo inconsciente que determina este lugar ao professor (NUNES, 2004).

Como no Banquete de Platão, que é a narrativa feita por Apolodoro sobre um banquete que Agatão ofereceu a alguns amigos, entre eles Sócrates, Alcebiades, Aristófanes, Pausânias e outros. Neste contexto, sugere-se falar sobre o Eros, o deus do amor, e todos convidados foram convocados a discursar. Sócrates foi o penúltimo a expor seu discurso sobre o amor, sendo que inicia seu discurso questionando Agatão sobre as qualidades do amor. Através de suas perguntas, Sócrates faz com que Agatão pronuncie novas particularidades de Eros (amor), fazendo menções diferentes do que ele havia descrito no início.

Sobre o desejo, Sócrates aponta que o sujeito que deseja, deseja o impossibilitado e inexistente, aquilo que não dispõe, aquilo que não é ele mesmo e aquilo de que demanda, assim ele questiona se o que desejamos e amamos não se constitui nisso. E continua seu discurso, o qual impressiona todos convidados, pois conduz à novas reflexões sobre o amor. Quando Alcibiades é

convidado a discursar, apenas detém seu discurso em elogiar Sócrates. Em seu elogio, há também crítica porque não se enamorou dele, apesar de tanto ter falado do amor (PLATÃO, 2015).

Segundo Gutman (2009), o amor de Alcibíades por Sócrates permaneceria numa imagem espacial. Esse amor não apenas de um para um, mas, invade um terceiro, talvez o seu amor nem constitua à Sócrates, mas uma '*agalma*' que ele teria, sem que Sócrates consiga saber de que é feito esse objeto que é a causa do desejo de Alcibíades. É um ensinamento sobre mecanismos transferenciais em jogo num processo analítico, aquilo que acontece entre Sócrates e Alcibíades. Conhecedor das coisas do amor, Sócrates percebe que o '*agalma*' que Alcibíades descreve que elevou o seu desejo, não é uma atribuição à Sócrates.

A origem do desejo de Alcibíades está em lugar algum, mas ele não consentirá em cessar sua busca. Ou seja, aquele que ama (Alcibíades) está na posição do sujeito de desejo, e justamente por isso, por desejar algo lhe falta, o que falta está suposto na pessoa amada. Todavia, a perspectiva do amado (Sócrates) se configura de forma diferente: ele se vê desejado, sabendo, inclusive, que tem algo do objeto de desejo do amante, mas ele não sabe o que tem que possa ter despertado o desejo do outro. Se constitui que, no lado do amante assim como no lado do amado permanece um não saber que destroça o saber que pensaria existir. Desta forma não se sabe o que tem, enquanto o outro não sabe o que lhe falta (GOBBATO, 2001).

O amor e a transferência são facilmente considerados importantes para a psicanálise, pois, como já dito, é pelo não-saber que o inconsciente é implicado nessa relação. Lacan (1969-1970/1992), ao falar sobre os quatro discursos (do analista, do mestre, da histérica e do universitário), propõe que o discurso universitário é aquele em que o outro é tomado como objeto, onde existe uma crença em um saber. Contudo, conforme Ribeiro (2014), o professor, assim como um analista, pode suscitar algumas afeições ou atrações, podendo ir além do que tenham consciência, sendo desta forma tratar-se de algo inconsciente e involuntariamente. É, portanto, hora de trazer o ponto em que existe essa pauta à convergência do processo de aprendizagem.

2.3 A EDUCAÇÃO E SUAS (IN) TENSÕES

A importância que a pedagogia dedica à psicanálise, segundo Freud (1913/2012), se fundamenta na afirmativa que é acessível, a de que um educador pode ser apenas aquele que tenha capacidade de manifestar identidade pela essência da criança, e nós adultos, por não entendermos

nossa própria infância, não alcançamos a compreensão das crianças. O que comprova esse afastamento das lembranças infantis são nossos esquecimentos sobre esta fase. A psicanálise apontou os pensamentos, os desejos, os métodos de desenvolvimento infantil, vendo que todos empenhos precedentes eram contestáveis, por deixarem de lado fator da sexualidade, que é essencial, tanto na manifestação física quanto psíquica.

Há algumas décadas, era prerrogativa dos professores serem os exclusivos responsáveis pela educação de seus alunos. Era possível conhecer de forma mais peculiar cada aluno, devido ao número reduzido que os professores atendiam, assim se instituía um prognóstico de sucesso, bastante acertado. Com o aumento do número de alunos em cada classe, transformou os modos do ensino. Não se discute o saber dos alunos, mas de disponibilizar-lhes um saber que possam assimilar. A apreensão dos professores parece encontrar-se na condição de alcançar a participação dos alunos nos seus trabalhos e por eles se interessarem (MANNONI, 2004).

Os educadores considerarão mais simples acolher as fases do desenvolvimento da criança quando se habituarem às repercussões da psicanálise, pois não suavizarão os impulsos inúteis ou perversos que as crianças apresentarem. Assim não ficarão tentando eliminar maus comportamentos através de algum benefício que pode trazer mais estragos na educação. A psicanálise teve oportunidade de notar que a austeridade na educação repercute na origem de doenças ou a criança acaba perdendo o aproveitamento de sua capacidade cognitiva, por exigirem uma normalidade nas ações. Os valores maiores aparecem como constituições reativas e sublimações, mesmo com predisposições negativas. A educação deveria, com sensatez, se resguardar de não enterrar esses talentos nascentes e guiar de modo a facilitar os procedimentos pelos quais esses talentos possam seguir (FREUD, 1913/2012).

A transferência se faz quando o desejo de saber do aluno se agarra a um componente exclusivo: o professor. Desta forma, a transferência se torna uma atribuição de um significado específico àquela metáfora originada pelo desejo. O professor torna-se um depositário, isto é, o investimento do aluno direcionado ao professor mais ou menos como ocorre com o analista (KUPFER, 1989). No caso do analista, como explica Freud (1915/2010), este precisa distinguir que o sentimento do paciente é desvirtuado pelo contexto analítico e não é atributo de sua pessoa, portanto não há pretextos para exaltação de atração pela pessoa, como seria em contexto fora de análise.

Visto que a escola constitui-se o lugar de difusão de saberes e sustenta a atuação intelectual do aluno, é cabível pensar a respeito do que motiva o aluno diante do seu desejo de saber, do

destino das pulsões da libido ligadas a esse desejo. Pode surgir, a partir desta atuação intelectual, uma fantasia e uma identificação com o professor, de modo que o professor simbolize uma representação no destino do desejo de saber do aluno. O desejo de saber do aluno é contraditoriamente desarticulado pelo desejo indefinido do professor, de que o aluno saiba. O desejo de saber do aluno, desta forma, é arrebatado. Neste sentido, existem pedagogias que penetram nesta ordem de ter por finalidade trocar o desejo de saber do aluno pelo desejo de outro saber, no caso do professor (FILLOUX, 1997).

Para que o aluno consiga se estabelecer um sujeito que deseja o saber, o professor precisa admitir que é um sujeito faltante, ou seja, castrado. Sem, contudo, perder o lugar de representante do conhecimento. No entanto, se ocorrer do professor querer se sustentar no lugar de quem sabe tudo, o aluno se subjugará ao lugar de objeto perante seu professor, como única opção (NUNES, 2004). Além disso, Freud (1937/2018), propõe que educar é uma das três tarefas impossíveis, igualando a governar e psicanalisar. Portanto, na relação professor-aluno, no contexto de ensino-aprendizagem, o aprendizado será gerado somente pelo desejo do aluno, a quem o conhecimento falta e desejo do professor, que repassa seu conhecimento.

Voltando ao livro “O Banquete”, Sócrates primeiramente não posiciona sua opinião acerca do deus Eros, mas fala sobre conversas que teve com outras pessoas sobre isso. O que Sócrates fez, foi justamente aquilo do próprio Método Socrático: uso da ironia e da maiêutica. Por ironia, entende-se pelo diálogo em que Sócrates tinha com determinada pessoa, levando-a à contradição de seu discurso para perceber sua ignorância. Assim, ao confrontar-se com isso, com o não-saber, a pessoa poderia então conceder autonomia às suas próprias ideias. É desta maneira que a conhecida frase “Só sei que nada sei” encontra-se com a psicanálise: o que conduz o sujeito ao conhecimento é justamente saber que não se sabe (NUNES, 2004).

3. METODOLOGIA

O presente artigo é o resultado de uma pesquisa bibliográfica, à partir do viés psicanalítico, com o intuito de apresentar a transferência no ambiente educacional, especificamente entre professor e aluno. A pesquisa bibliográfica segundo Gil (2002), é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído de livros, artigos científicos, teses e dissertações e de periódicos científicos. Os livros, artigos e dissertações foram escolhidos em língua portuguesa, sem considerar

os anos das publicações. A busca por artigos e periódicos, ocorreu na plataforma online de artigos acadêmicos *SciELO - Scientific Electronic Library Online*.

4. DISCUSSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

A transferência, por ser um dos pilares dos conceitos fundamentais da psicanálise, é um fenômeno de grande importância em nossas vidas. Isso porque todas as relações são frutos da transferência, independente se provida de conteúdos agradáveis ou desagradáveis. Em termos educacionais, a transferência se faz quando o desejo de saber do aluno se agarra ao professor. Mais ou menos como ocorre com o analista, o professor se torna um depositário de investimento, ou seja, a transferência é uma atribuição de um significado originada pelo desejo.

Desta maneira, a relação professor-aluno pode ser um convite ou uma renúncia à psicanálise, inclusive pela relação dos conteúdos inconscientes postos, pois a escolha por uma profissão do impossível pode se dar pela transferência. Contudo, é importante trazer o viés de que, independente de abordagem psicológica, a transferência também acontece, do ponto de vista da psicanálise.

Ao professor, tendo tal imagem diante do aluno, compete ser advertido de que não use mal esta atuação. Não é tarefa do professor tornar-se o ideal para o aluno, mas considerar a individualidade, para que este seja melhor e tenha sua autonomia, e não permaneça na dependência, sob influência do professor (FREUD, 1940 [1938]/2018).

Além do mais, a psicóloga e psicanalista Ana Suy (2020)⁴, propõe que confundimos a teoria com o professor, algo que o próprio Freud pontuou ao falar que não sabia o que mais o havia absorvido e se tornado importante, se eram as ciências que eram expostas ou as personalidades dos professores. A didática, segundo a autora, se faz pela capacidade de fazer laço pelo que sabe e pelo que não se sabe. Não existe aprendizagem sem afeto e é justamente com afeto que se ensina. A educação se trata de gente “afetada”.

⁴ Texto escrito e postado no próprio instagram da autora. Disponível em:
<https://www.instagram.com/p/CGXmDkkl5QM/>

REFERÊNCIAS

- FILLOUX, J.C.: Psicanálise e educação, pontos de referência. In. **Estilos da clínica**. vol.2 n.2 São Paulo, 1997. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-71281997000200002 Acesso em: 27 mar 2020.
- FREUD, S.: A dinâmica da transferência (1912). In. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre a técnica e outros textos** (1911-1913) São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____.: A dinâmica da transferência (1912). **Fundamentos da Clínica Psicanalítica** (1890/1937) Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.
- _____.: Observações sobre o amor de transferência (1915). In. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”), artigos sobre a técnica e outros textos** (1911-1913) São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- _____.: Textos breves (1913- 1914). In. **Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos** (1912-1914). São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- _____.: O interesse da Psicanálise (1913) In. **Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos** (1912-1914). São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- _____.: Psicanálise (1926). In. **Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos (1926-1929)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- _____.: Análise terminável e interminável (1937). In. **Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos** (1937-1939). São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- _____.: Compêndio de psicanálise (1940 [1938]). In. **Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos** (1937-1939). São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- GOBBATO, G. G. Transferência: amor ao saber. In.: **Ágora**, Rio de Janeiro , v. 4, n. 1, p. 103-114, June 2001 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982001000100007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 31 Mar. 2020.
<https://doi.org/10.1590/S1516-14982001000100007>.
- GUTMAN, G.: Amor celeste e amor terrestre: o encontro de Alcibíades e Sócrates em *O banquete*, de Platão. In. **Rev. Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, vol.12 n.3 São Paulo Set. 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1415-47142009000300009> Acesso em: 27 mar 2020.
- HERRMANN, F. **O que é psicanálise – para iniciantes ou não**. 14 ed. São Paulo: Blucher, 2015.

KUPFER, M. C. **Freud e a educação o mestre do impossível**. São Paulo: Scipione Editora, 1989.

LACAN, J. (1964). **O seminário: livro 11 - os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. **O seminário, livro 17: O avesso da Psicanálise (1969/1970)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

MANNONI, M.: **A primeira entrevista em psicanálise: um clássico da psicanálise**. Ed. Elsevier. Rio de Janeiro, 2004.

NUNES, M.R.M.: Psicanálise e educação: pensando a relação professor-aluno a partir do conceito de transferência. *In. An. 5 Colóquio do LEPSI IP/FE-USP*, 2004. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032004000100040&script=sci_arttext. Acesso em 27 mar 2020.

PLATÃO: **O Banquete**. Ed. Martin Claret. São Paulo, 2015.

RIBEIRO, M. P.. Contribuição da psicanálise para a educação: a transferência na relação professor/aluno. *In.: Psicologia e educação*. São Paulo , n. 39, p. 23-30, dez. 2014 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752014000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 31 mar. 2020.

ROUDINESCO, E.; PLON, M.: **Dicionário de psicanálise**. Ed. Zahar. Rio de Janeiro, 1998.

SUY, A. Texto postado no Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CGXmDkklQm/>. Acesso em: 15 de out. 2020.